



O SÍTIO DE HABITAT PRÉ-HISTÓRICO DE CASTELO DA LOUREIRA (Alvaiázere – Leiria – Centro de Portugal)

Alexandra Figueiredo*
Anderson Tognoli**
Cláudio Monteiro***
Rui Saraiva****
Rui Gonçalves*****
Silvério Figueiredo*****

Resumo

Este artigo pretende expor os dados obtidos até ao momento com as intervenções realizadas no sítio arqueológico de habitat pré-histórico de Castelo da Loureira (Alvaiázere-Leiria). Os trabalhos realizados prendem-se essencialmente com sondagens de verificação crono-estratigráfica e prospeção geofísica, tendo-se registado vestígios com paralelos em sítios arqueológicos da região que se integram no calcolítico e idade do bronze.

Palavras-chave: *Habitat pré-histórico fortificado; Calcolítico; Idade do Bronze.*

Abstract

This article intends to expose the data obtained so far with the interventions performed at the archaeological prehistoric habitat, in Castelo da Loureira (Alvaiázere-Leiria). The work done is mostly related to polls chrono-stratigraphic and geophysical prospection check, having recorded archaeological traces with parallel in others sites in the region that fall within the Chalcolithic and Bronze Age.

Keywords: *Fortified prehistoric Habitat; Chalcolithic; Bronze Age.*

* Alexandra Figueiredo – Instituto Politécnico de Tomar, alexfiga@ipt.pt

** Anderson Tognoli – CAAPortugal, rogerio_tognoli@hotmail.com

*** Cláudio Monteiro – CAAPortugal, claudio.monteiro.cr@gmail.com

**** Rui Saraiva – CAAPortugal, Rui Santos rui_saraiva86@gmail.com

***** Rui Gonçalves – Instituto Politécnico de Tomar rui.goncalves@ipt.pt

***** Silvério Figueiredo – Instituto Politécnico de Tomar silverio.figueiredo@ipt.pt

As primeiras referências que conhecemos acerca da investigação nesta zona surgem na transição do século XIX para o século XX, sobretudo associada aos arqueólogos José Leite Vasconcelos (Vasconcelos, L. 1917:143) e António dos Santos Rocha (Rocha, 1899-1903: 137; 1904: 13). Após um período de fraca incidência, regista-se, no início da década de 40, um recomeço dos trabalhos, incidindo, no entanto, na região mais a sul (Nogueira, Vaultier e Zbyszewski, 1941; Paço, Vaultier e Zbyszewski, 1942; Paço, Vaultier e Zbyszewski, 1947; Paço, Vaultier e Zbyszewski, 1957; Almeida e Ferreira, 1958).

O período que se segue é de relativa inatividade, o qual somente foi superado, na década de 90, quando surgem os primeiros trabalhos em contexto académico, que por sua vez são integrados em projetos de investigação plurianuais e os quais assumem um carácter de estudo, identificação e inventariação de sítios arqueológicos. Entre eles na região de Alvaiázere e no âmbito da pré-história destacam-se os projetos TEMPOAR I, TEMPOAR II, SIPOSU-MC e mais recentemente ANTROPE, no qual se integra o estudo deste sítio arqueológico.

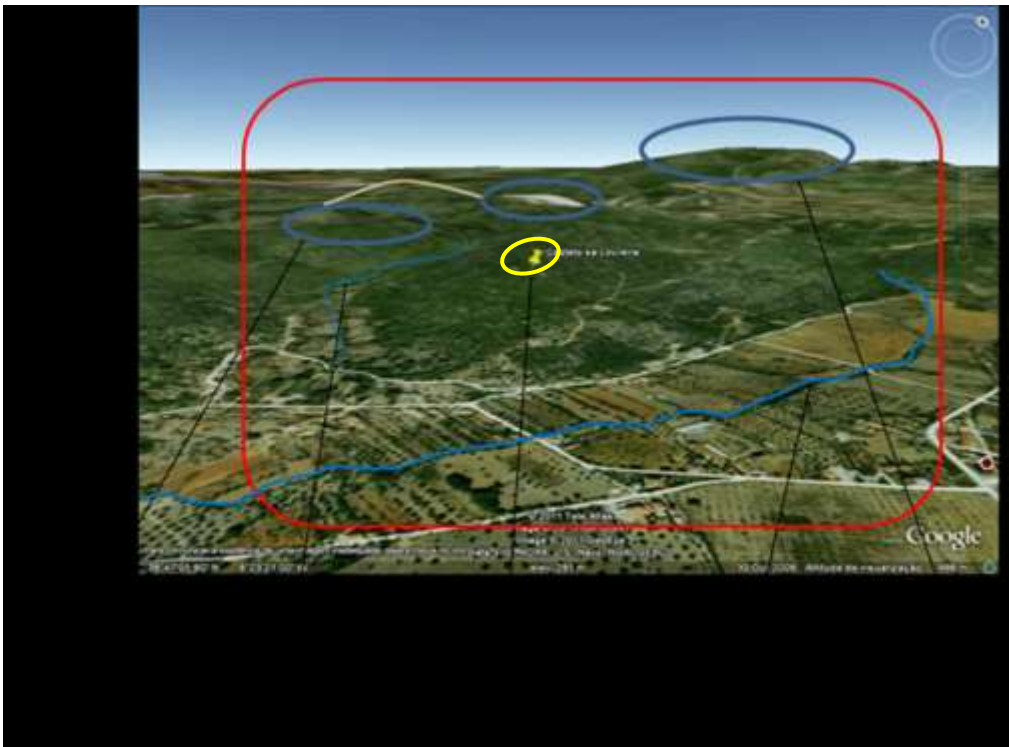
É na continuidade do estudo da problemática da ocupação e da relação entre os habitats e as necrópoles na pré-história recente que nos propusemos a intervencionar o sítio de Castelo da Loureira.

Contextualização

O sítio arqueológico de Castelo da Loureira, localiza-se em Pussos, Alvaiázere (Leiria) (Centro de Portugal) e tem sido referido como um habitat, apresentando vestígios arqueológicos que o enquadra no período do Calcolítico à Idade do Bronze, havendo ainda referências à sua integração na Idade do Ferro. Os trabalhos de prospeção desenvolvidos têm registado a presença de fragmentos de cerâmica doméstica, de pastas grosseiras; um elevado número de artefactos líticos macrolíticos, em quartzito; alguns núcleos, lascas e indústria laminar em sílex; bem como alguns fragmentos de machados ou enxós em anfíbolito e alguns elementos de escórias de ferro (estes recuperados no acesso ao local) (Luís e Silva, 1992, 313-319; Oosterbeek, 1994; 419; Silva, Maria do Céu, 1994; 27-28; 50-56; Marques, Paula, 1996; 44; 68-70; 95; Vol.II,81; Cruz, Ana Rosa, 1996; Figueiredo, A. 2006).

O sítio foi identificado pela primeira vez por Aquino (1986), através de fotografia aérea, evidenciando as linhas de muralha, sobretudo existentes a Norte.

Figura 1- Contextualização geomorfológica do sítio Castelo da Loureira



Fonte: Do autor.

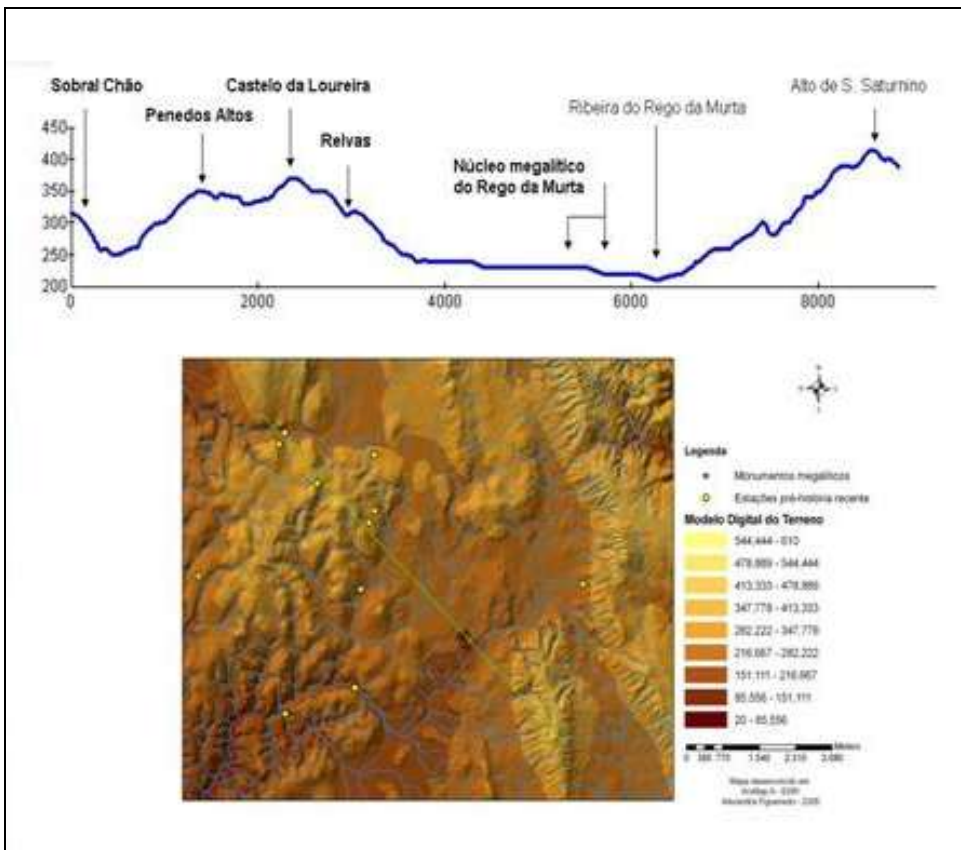
Os trabalhos de Batata e Gaspar (1991; 241) referem a muralha como tendo forma elíptica, apresentando a existência de três linhas de calcário e seixos, nos topos Oeste e Norte.

Segundo M^a de Fátima Moura (1994; 34-35; 92-95; 126-131; Vol.II - LXX) o topónimo é também conhecido por Castelo e Castelo da Costa do Forno, devido à associação com a indústria de cale existente na zona.

A compreensão deste habitat revela-se importante para a perceção da ocupação da pré-história recente na região e sua relação com os monumentos megalíticos existentes a sul, nomeadamente os monumentos de Rego da Murta, do qual dista poucos quilómetros.

Para além deste facto a sua localização, a 344m de altura (ilustração 2), domina todo o vale onde correm as ribeiras da Loureira, Pussos e Rego da Murta, que consideramos ser um ponto de entrada natural de percurso de mobilidade da população nesta região durante a pré-história (Figueiredo, 2006).

Figura 2- Perfil de relevo com a indicação de Castelo da Loureira e sua relação com outros sítios pré-históricos da região e com o Complexo Megalítico de Rego da Murta



Fonte: Do autor.

Metodologia

Os trabalhos de intervenção realizados até ao momento centraram-se na execução de levantamentos topográficos da parte mais elevada junto à primeira linha de muralha, prospeção superficial e geofísica; delimitação do habitat e abertura de duas sondagens no topo: uma junto à primeira linha de muralha (sondagem A) e outra junto ao grande afloramento central (sondagem B) (ilustração 3).

Figura 3- Planta topográfica de Castelo da Loureira, com a representação das sondagens e disposição de parte da primeira linha de muralhas. A vermelho evidenciam-se os afloramentos à superfície.



Fonte: Do autor.

Interpretação

O habitat está implantado em terrenos atribuídos pela carta Geológica de Portugal Escala 1: 500.000), ao Mesozoico, constituídos por conglomerados e brechas sedimentares, sendo essencialmente coberto por calcários.

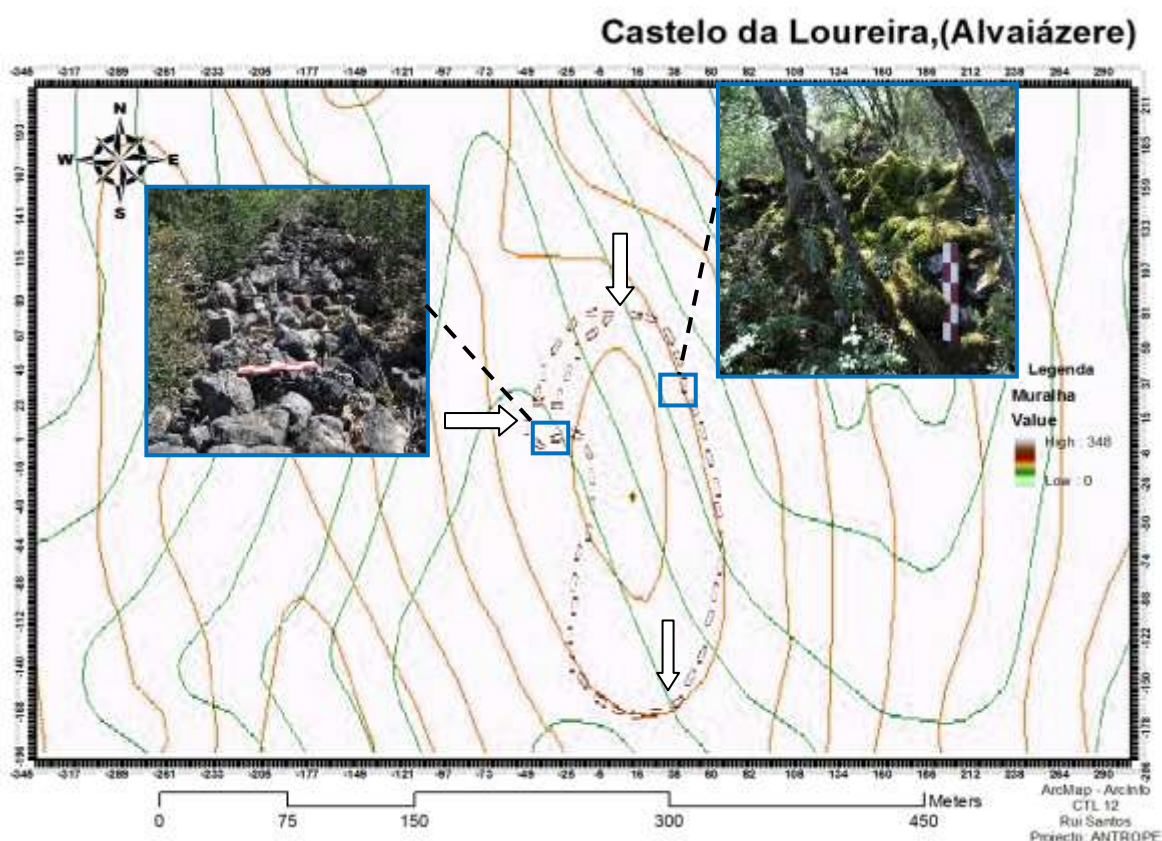
Situa-se num cabeço fortemente erodido (em que os afloramentos à superfície representam cerca de 20% da paisagem), revelando materiais dispersos por toda a superfície, com uma deposição pouco profunda de sedimentos, sobretudo no topo.

Em redor do ponto mais elevado da cumeada registamos a primeira linha de muralha.

Esta apresenta-se de forma elíptica, com várias linhas de defesa a norte, oeste e sul, intercalada por várias zonas de acesso que a interrompem. A zona mais a sul e este apresentam um forte declive que associado aos afloramentos existentes permitem também uma certa defesa natural. A primeira linha de muralha, que perfaz e delimita o topo, possui duas grandes entradas, uma a noroeste e outra a norte, dando continuidade à linha defensiva a este e rodeando a área onde desenvolvemos as sondagens. A sul apresenta também uma passagem, um pouco mais reduzida.

A intensa vegetação registada não permitiu fazer o levantamento de todas as linhas, aparentando, no entanto, uma certa complexidade na estrutura defensiva possivelmente associada a pequenos torrões já muito destruídos.

Figura 5- Planta da 1ª linha de muralha do habitat da Loureira, com pormenor da estrutura pétrica em dois pontos registados e localização das entradas



Fonte: Do autor.

Este poderá ser o caso da segunda linha representada a NW. Tal como é possível verificar na imagem (ilustração 5), esta linha parte da primeira linha defensiva, junto à entrada oeste e direciona-se para norte, reencontrando a primeira linha no topo desta. Esta estrutura encontra-se fechada, sendo que só a escavação poderá clarificar a sua correta funcionalidade.

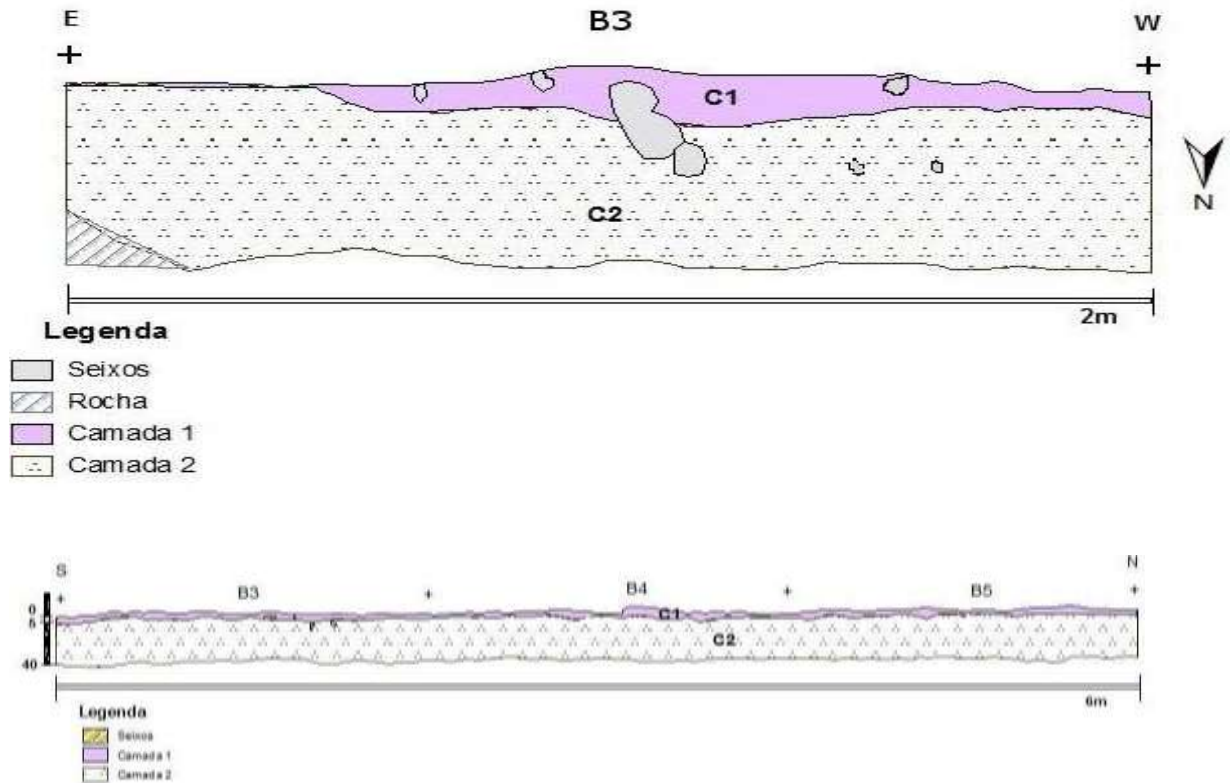
Durante a escavação das sondagens obtivemos uma estratigrafia fina, disposta em duas camadas: a primeira camada é de cor negra, envolvendo a atividade biológica atual, sendo na segunda camada o nível que regista a ocupação arqueológica. Esta camada apresenta uma cor castanha clara, de elevada granulometria e uma espessura média de 30 centímetros. A estratigrafia regista-se semelhante em todas as sondagens (ilustração 6, 7 e 8).

Figura 6- Perfil sul, quadrícula B3, corte oeste-este



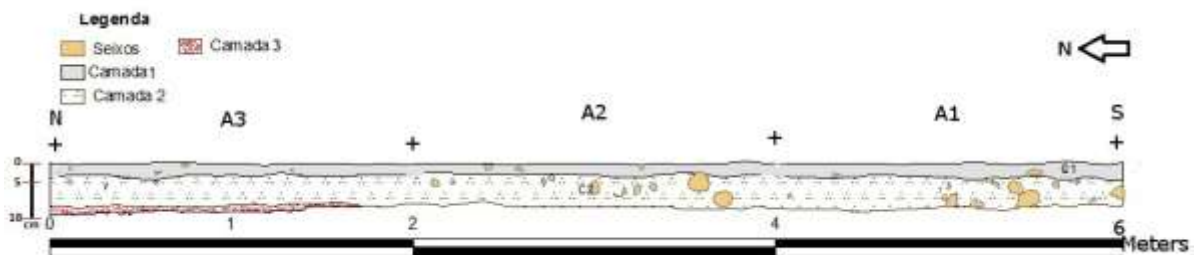
Fonte: Do autor.

Figura 7- Perfil Este, corte Sul – Norte, quadrículas B3, B4 e B5



Fonte: Do autor.

Figura 8- Perfil Oeste, corte norte – sul, quadrículas A3, A2 e A1

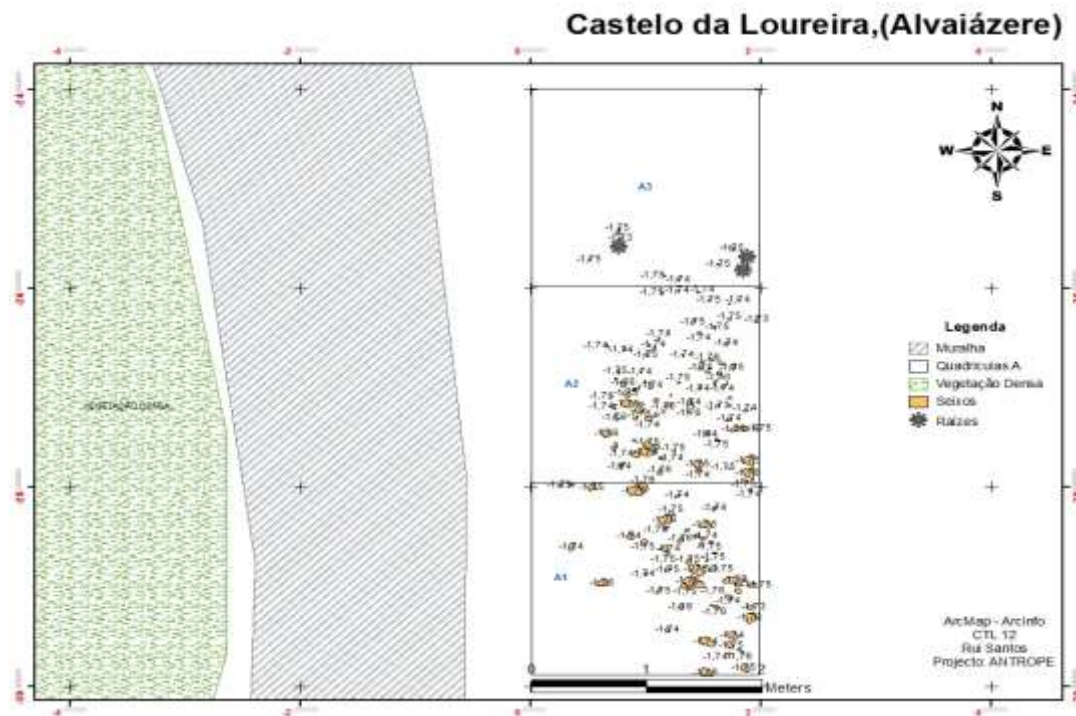


Fonte: Do autor.

Na quadrícula A3 destacamos um conjunto de seixos em quartzito, sem qualquer tipo de talhe, relativamente associados, dispendo-se de forma subcircular. Ainda que não se tenha detetado qualquer diferença nos sedimentos, aparentemente poderão ser blocos de sustentação de postes, podendo perfazer uma área circular construída de estruturas percíveis (ilustração 9). Também a norte, na sondagem A, detetamos uma área com um sedimento avermelhado bastante compacto junto ao corte Este-Oeste e que se prolonga até a centro da quadrícula

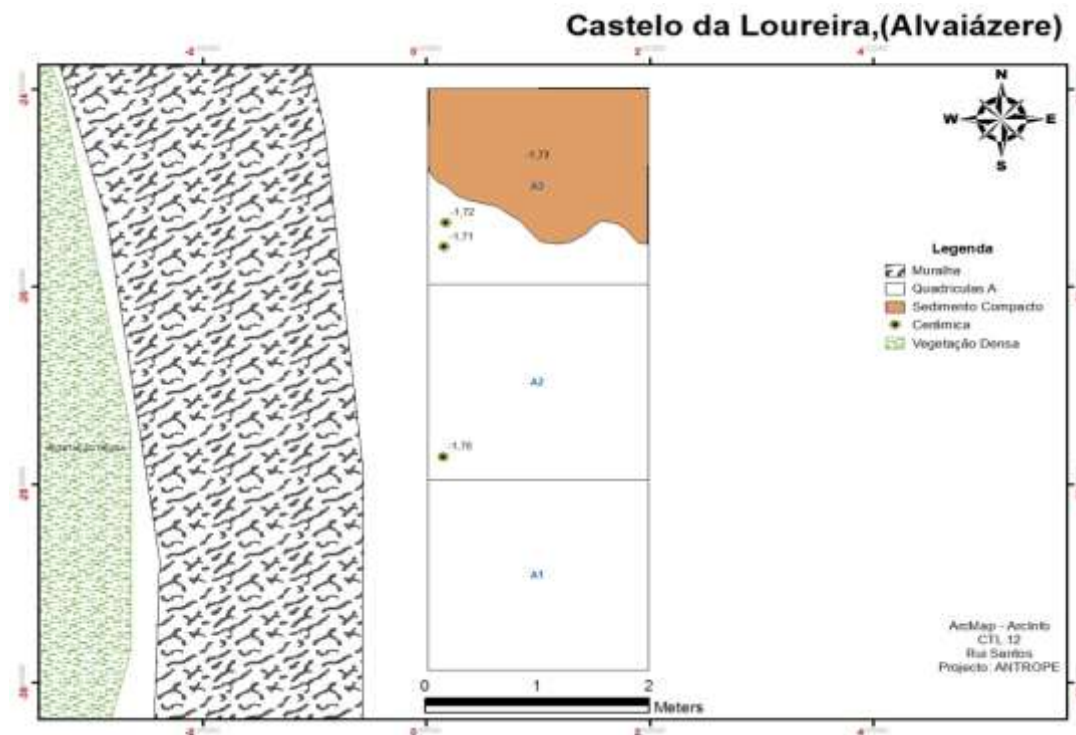
(Ilustração 8 e 10). As análises laboratoriais realizadas a este sedimento obteve uma classificação segundo o código de Munsell 5Y 2.5 / 1.

Figura 9- Planta da sondagem A com a representação espacial dos seixos registados



Fonte: Do autor.

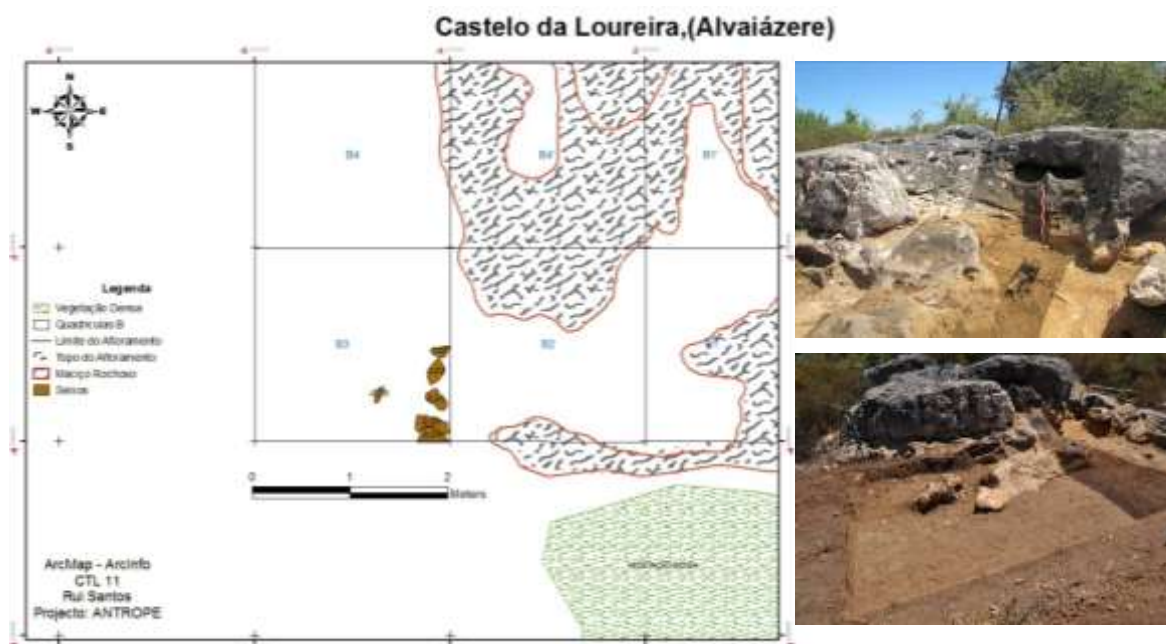
Figura 10- Planta de pormenor da sondagem A, onde é possível registar-se a mancha a vermelho



Fonte: Do autor.

Para além dos elementos registados na sondagem A observamos, na sondagem B, um pequeno alinhamento de seixos de grandes dimensões (ilustração 11 e 12).

Figura 11- Planta do aglomerado de seixos, após o levantamento da camada 2 e imagem do local intervencionado



Fonte: Do autor.

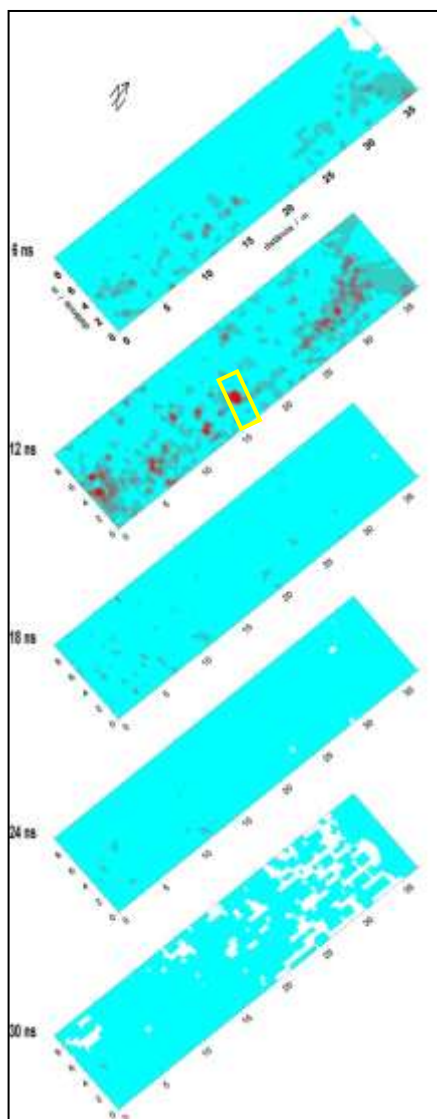


Fonte: Do autor.

Os perfis foram realizados na área indicada na ilustração 14, em duas direções perpendiculares; longitudinalmente (~NS) e transversalmente (~EW). O estado irregular da superfície do terreno, com grandes blocos, cavidades e raízes de arbustos contribuiu para a deterioração do sinal GPR. Com base nestes dados foram construídos mapas das intensidades relativas do sinal GPR, para vários horizontes entre os 30 e os 150 cm de profundidade, aproximadamente.

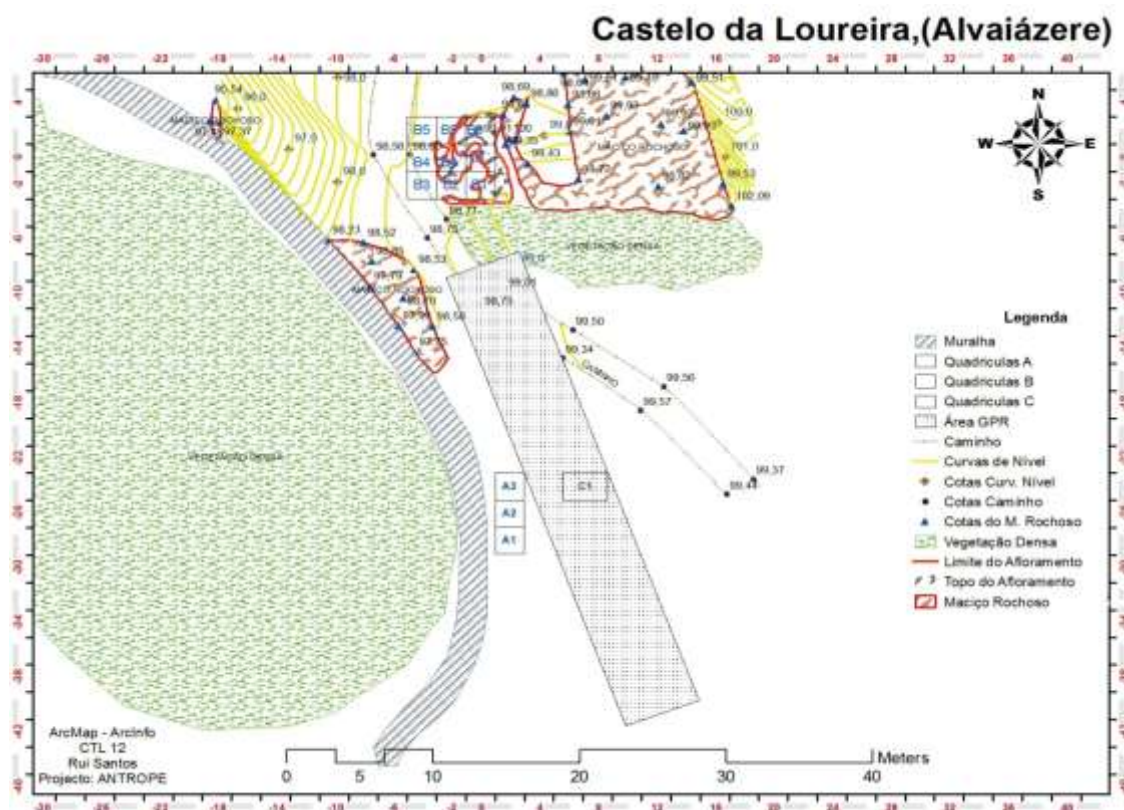
Estes mapas não revelam a existência de estruturas construtivas de envergadura, apenas algumas anomalias sem grandes estruturação, conexão e continuidade. Algumas das anomalias (como a assinalada na ilustração 13) são devidas a elementos observados na superfície ou a irregularidades no solo.

Figura 13- Levantamento GPR - mapas de intensidades relativas do sinal GPR a diferentes profundidades (~ 30 cm a ~ 150 cm)



Fonte: Do autor.

Figura 14- Planta topográfica com a representação das cotas dos afloramentos e das curvas de nível da zona central, área interna da 1ª linha de muralha. Ponto zero de X, Y e Z, considerado na planta topográfica como tendo 100m de altitude



Fonte: Do autor.

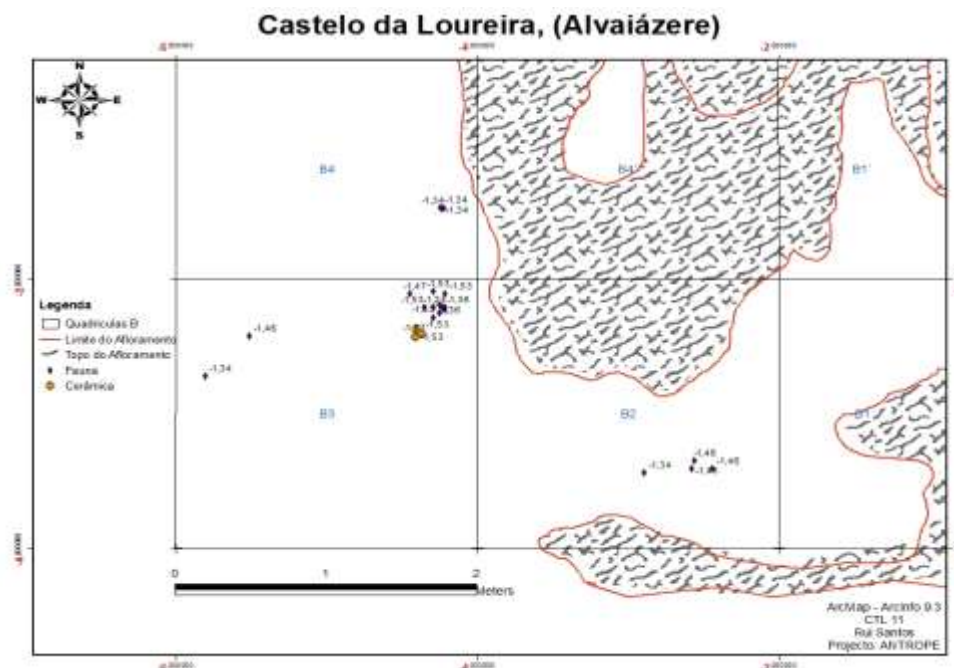
No que diz respeito aos vestígios materiais exumados, somente 6% são de materiais cerâmicos, sendo que a grande percentagem se centra nos objetos líticos.

Os materiais cerâmicos são na maioria fragmentos de vasos cerâmicos pré-históricos, que apresentam formas abertas, com uma cozedura e desengordurante que lhe dá uma aparência homogênea e compacta. Os bordos analisados alternam entre o reto e curvo-extrovertido, possuindo paredes médias, com dimensões que não ultrapassam um centímetro e meio. De todos os elementos só um é decorado, recuperado da sondagem B, possuindo uma matriz de impressões com linhas diagonais e horizontais que se alternam junto ao bordo.

No que diz respeito ao material lítico (ilustração 16) inventariamos cerca de 2000 líticos em sílex (93%), quartzito (6%) e quartzo leitoso (1%) de várias tipologias, maioritariamente considerados como restos de talhe. Registamos, no entanto, 302 utensílios obtidos de indústria sobre lasca, com presença de traços de uso ou retoques e 287 núcleos/macrolíticos, incluindo 4 percutores e 3 raspadores. O restante material não apresenta traços de uso, tratando-se de restos de talhe.

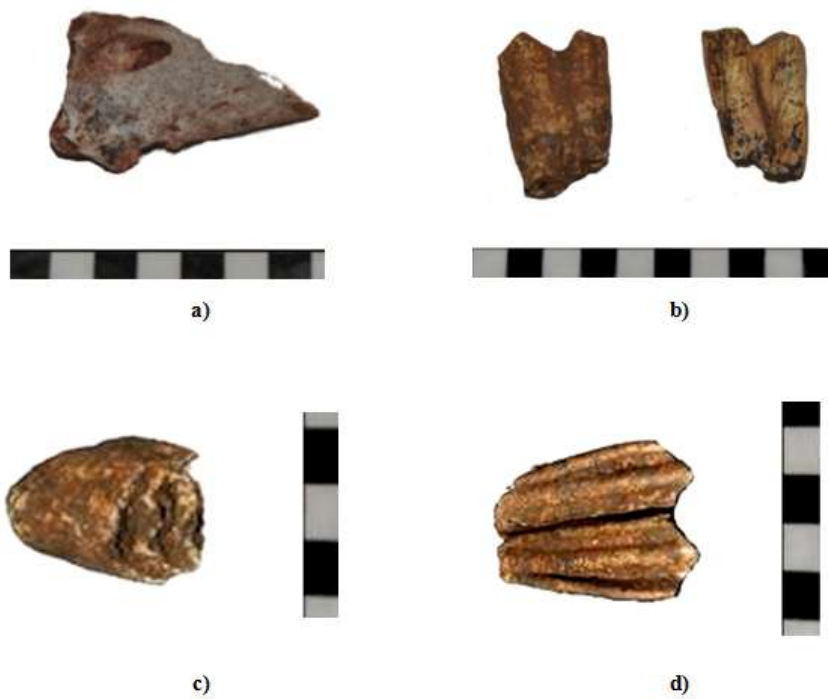
Na sondagem B, camada 2, registamos, junto ao afloramento central, nas quadrículas B2, B3 e B4, um conjunto de restos faunísticos composto por elementos ósseos e dentes de vertebrados, predominantemente de mamíferos herbívoros (porco, ovelha, boi e cavalo) (ilustração 15 e 16). Foi também junto da fauna, à mesma cota, que se exumaram os únicos exemplares de cerâmica decorada, toda ela pertencente ao mesmo vaso (ilustração 17 – ponto 8 e 9).

Figura 15- Planta das quadrículas B2, B3 e B4, com a representação dos artefactos exumados coordenados; X, Y e Z



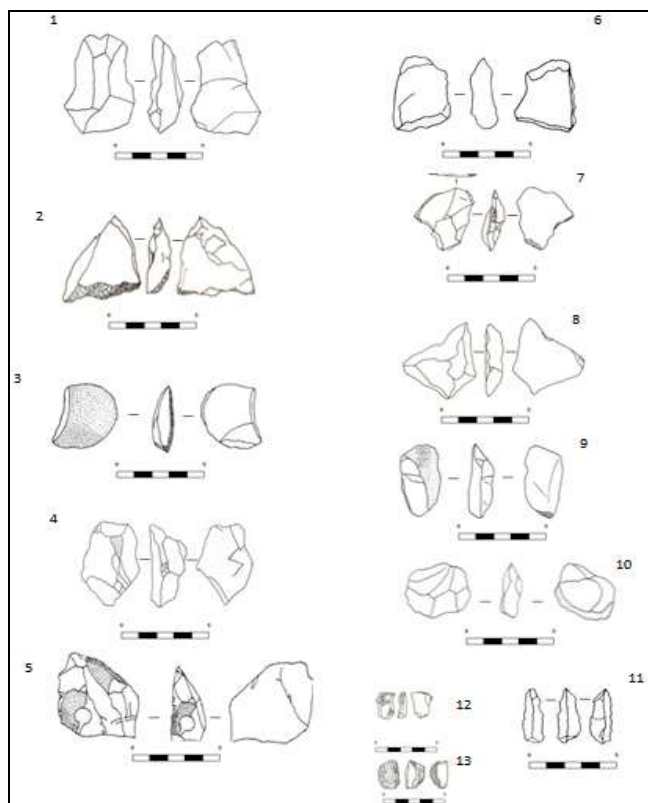
Fonte: Do autor.

Figura 16- Imagem de alguns elementos faunísticos exumados: a) Falange distal de um *sus scrofa*; b) 1º e 2º molar de uma Ovi-caprídeo (*Ovis sp.*); c) 2º molar de um boi (*bos sp.*); d) Incisivo de um equídeo (*equus sp.*)



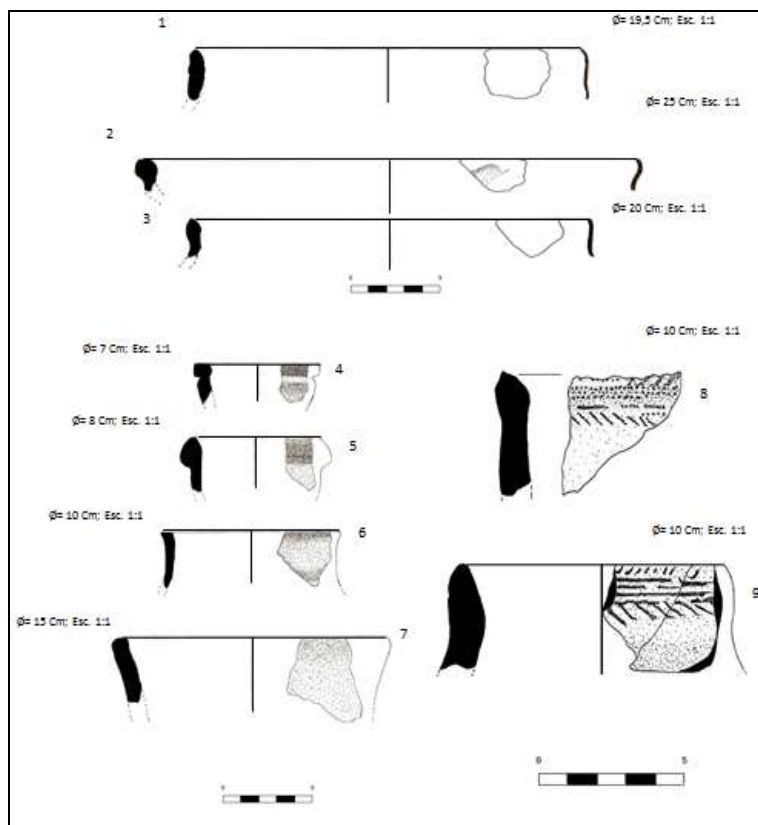
Fonte: Do autor.

Figura 17- CTL 11: Materiais Líticos (1.B3-71 Cm.1; 2. A3-22 Cm.1; 3. A3-71 cm.1; 4. B4-2 Cm.1; 5. A2-22 Cm.1; 6. B5-4 Cm.1; 7. A1-1 Cm.1; 8. A1-3 Cm.1; 9. A2-3 Cm.1; 10. A2.4 Cm.1; 11. A2-11 Cm.1; 12 .A1-5 Cm.1; 13. A1-6 Cm.1)



Fonte: Do autor.

Figura 18- CTL 11: Materiais Cerâmicos (1. B1-23 s/c Cm.1; 2. B1-4 s/c Cm.2; 3. B1-3 s/c Cm.2; 4. B3-16 s/c Cm.1; 5. B3- 8 s/c Cm.2; 6. B3-8 s/c Cm.1; 7. B3- 54 s/c Cm.2; 8. B3-50A cord. Cm.2; 9. B3-50BeC cord. Cm.2)



Fonte: Do autor.

Considerações Finais

O sítio arqueológico de Castelo da Loureira define-se como um sítio de habitat fortificado da pré-história-recente. Destaca-se pela presença de pelo menos três linhas de muralha, perfazendo uma forma elíptica.

Os materiais registados têm os seus melhores paralelos em povoados do Calcolítico e Bronze da região, como o sítio de Cumes (Katina Lillios 1991:221;441;442) ou Arrascada (Luiz Oosterbeek 1994:400), encontrando-se os macrolíticos representados nos contextos mais recentes da Anta II do Complexo Megalítico de Rego da Murta (Figueiredo 2006).

Para além dos macrolíticos registam-se artefactos líticos em sílex: como núcleos, lascas (de várias tipologias), lâminas, raspadores e buris, relativamente semelhantes a materiais exumados nos contextos de Neolítico final da Gruta do Cadaval e da Gruta dos Ossos, com cronologias entre o Vº e o início do IIIº milénio a.C. (Oosterbeek 1994:412); e em quartzo leitoso: essencialmente núcleos, lascas e esquirolas também presentes nos monumentos megalíticos de Rego da Murta (Figueiredo 2006), datado dos finais do III milénio.

A prospeção geofísica e as sondagens realizadas permitem concluir a existência de construções perecíveis, com apoio em postes, obtendo-se um diâmetro de 2 metros, na sondagem A.

Referências Bibliográficas

AQUINO M. (1986). **Subsídios para o Estudo da Carta Arqueológica do Concelho de Alvaiázere**. Instituto de Arqueologia de Coimbra, Coimbra, pp.65.

BATATA C.; GASPAR F. (1991). **Estações Arqueológicas inéditas da área de Tomar, Boletim Cultural de Tomar**, nº 15, 241.

CRUZ A.R.; OOSTERBEEK L. (1998). **Relatório da Campanha Arqueológica de 1997, in TECHNE**, Revista da Arqueojovem, nº 4.

CUNHA, L. (1988) - **As Serras Calcárias de Condeixa-Sicó-Alvaiázere - Estudo de Geomorfologia**. Coimbra, 329 p. (policopiado). Reeditado em 1990, com o mesmo título pelo Instituto Nacional de Investigação Científica (INIC), Col. Geografia Física, nº 1, Coimbra, 329 p.

FIGUEIREDO, A. (2006). **Complexo Megalítico de Rego da Murta: problemáticas e interrogações**. Tese de doutorado, apresentada à Faculdade de Letras, Universidade do Porto.

LUÍS L.; SILVA P. (1992). **Alvaiázere - Contributo para o Estudo da Arqueologia do Concelho**. F.L.U.C., Coimbra, pp.313-319.

MARQUES, P. (1996). **Paisagem Cársica e Povoamento, Novo Contributo para o Estudo e Desenvolvimento do Passado Arqueológico de Alvaiázere**. Tese de Seminário do Curso de Estudos Superiores Especializados em Arte, Arqueologia e Restauro, Opção: Arqueologia da Paisagem, Tomar, vol.I, pp.44, 68-70, 95, Vol. II, pp.81.

MOURA, M. (1994). **Paisagem Cársica e Povoamento. Contribuição para o Estudo da Distribuição Espacial das Estações da Idade do Bronze no Alto Ribatejo**. Tese de Seminário do Curso de Estudos Superiores Especializados em Arte, Arqueologia e Restauro (Opção Arqueologia), Escola Superior de Tecnologia de Tomar, 2 Vol., Vol.I, pp.34-35;92-95; 126-131, Vol.II, pp.LXX.

OOSTERBEEK, L. (1994). **Echoes from the East: the Western Network**. North Ribatejo (Portugal): an insight to unequal and combined development, 7.000-2.000 B.C., dissertação de doutoramento pela Universidade de Londres, Vol.II, pp.419.

SILVA, M. (1994). **O Povoamento da Região de Alvaiázere no Final da Pré-história - Contributo para o Levantamento Arqueológico do Concelho de Alvaiázere; Perspetiva de Arqueologia Espacial para os Povoados: Alvaiázere 1 - Loureira - Sobral do chão - Ameixeira**. Tese de Seminário do Curso de Estudos Superiores Especializados em Arte, Arqueologia e Restauro, Opção: Arqueologia, Escola Superior de Tecnologia de Tomar, Vol.I, pp.27-28; 50-56, Vol. II, pp.LV.

TAVOSO, A. (1972). **Les Industries de la Mowenne Terrasse du Tarn a Técou**. P.118 (In Figueiredo, 2006 vol.2,p.90).

VILLA, P. (1978). **The Stone Artifact Assemblage from Terra Amata**. London: University Microfilms International, pp. 294.